

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo iremos proceder à discussão dos resultados apresentados anteriormente, com o intuito de compreender melhor o seu significado, no contexto dos estudos já efectuados na área das atitudes dos alunos face à inclusão de alunos com deficiência, citados na revisão da literatura.

O principal objectivo deste estudo é investigar qual o efeito da semana da EFA nas atitudes dos alunos do 9.º ano de escolaridade face à inclusão de alunos com deficiência. Deste modo, quisemos verificar a influência das variáveis, como o género, a presença de pessoas com deficiência na família/amigos/vizinhos, a presença de pessoas com deficiência na turma, a presença de pessoas com deficiência na aula de Educação Física e o nível de competitividade, nas atitudes globais na EF dos alunos sem deficiência face à inclusão de alunos com deficiência na aula de Educação Física, nas atitudes específicas dos alunos sem deficiência face à integração de alunos com deficiência na Educação Física e nas atitudes dos alunos sem deficiência face à alteração de regras.

Com base nos resultados obtidos, através da análise descritiva das variáveis, concluímos que em 156 alunos da amostra em estudo, 46,2% (N=72) são do género feminino e 53,8% (N=84) são do género masculino, ou seja, esta é bastante equilibrada, apesar de ser constituída maioritariamente por alunos do género masculino.

No que concerne à variável idade verificamos que a maioria dos alunos da nossa amostra, 60,9% (N=95), tem 14 anos, seguido de 19,2% (N=30) referente ao grupo de alunos com 15 anos. Com 9,6% (N=15) e 8,3% (N=13) aparecem os grupos de alunos com 13 e 16 anos respectivamente. A menor percentagem, 1,9% (N=3), pertence ao grupo de alunos com 17 anos.

Quanto à variável presença de familiares, amigos ou vizinhos com deficiência, conferimos que a maioria dos alunos 55,1% (N=86) não tem qualquer contacto com pessoas com deficiência e 44,9% (N=70) tem alguém muito próximo com deficiência.

Analisando a variável presença de pessoas com deficiência na turma, verificamos que a maioria dos alunos da nossa amostra 71,2% (N=111) nunca tiveram colegas com deficiência na sua turma e 28,8% (N=45) já tiveram.

No que concerne à variável presença de pessoas com deficiência na aula de Educação Física aferimos que 82,1% (N=128) dos alunos nunca teve colegas com

deficiência a participar nas aulas de Educação Física e 17,9% (N=28) já desfrutou dessa experiência.

Relativamente à variável nível de competitividade, podemos afirmar que a grande maioria dos alunos (N=110) são mais ou menos competitivos, 70,5%, 24 alunos consideram-se não competitivos o que perfaz 15,4% e 22 alunos revelam-se muito competitivos, sendo 14,1% da amostra.

De seguida iremos tirar ilações dos resultados, através da análise da estatística inferencial da comparação das variáveis dependentes em função das variáveis independentes (género, presença de pessoas com deficiência na família/amigos/vizinhos, presença de pessoas com deficiência na turma, presença de pessoas com deficiência na aula de Educação Física e nível de competitividade).

5.1 Género

Através da análise da estatística inferencial, constatamos que, no nosso estudo, tanto as atitudes globais EF, como as atitudes específicas face à EF, bem como as atitudes face à alteração das regras, entre género diferem, sendo mais positivas no género feminino do que no género masculino tanto no pré-teste como no pós-teste, o que leva à aceitação das hipóteses 1 (As atitudes globais EF dos alunos do género feminino são mais favoráveis face à inclusão de alunos com deficiência do que os seus colegas do género masculino), 2 (As atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na aula de Educação Física, são mais favoráveis no género feminino do que no género masculino) e 3 (As atitudes dos alunos sem deficiência face à alteração de regras são mais favoráveis no género feminino do que no género masculino).

Estes resultados vão de encontro aos estudos realizados por Van Biensen, Busciglio e Vanlandewijck (2006) na Bélgica, Block (1995), Condon e al. (1986, cit. por Block, 1995, p.75) e Voeltz (1982, cit. por Block, 1995, p.75) que consideram que as raparigas têm atitudes mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência do que os rapazes.

No estudo de Van Biensen, Busciglio e Vanlandewijck (2006), os autores referem mesmo que as raparigas têm melhores atitudes do que os rapazes em todas as variáveis dependentes. No entanto, no estudo efectuado por Block (1995), o autor ressalta que o género só está significativamente correlacionado com a atitude específica EF e não

estava significativamente correlacionado com as atitudes específicas do desporto (alteração de regras).

Há a salientar que no estudo realizado na Grécia em 2008, Panagiotou et al. chegaram a conclusões distintas. Os autores dividiram o seu estudo em duas sub-categorias denominadas por gerais e especificamente dirigidas ao desporto e não verificaram diferenças nas atitudes dos rapazes e raparigas, donde concluíram que o programa “*Paralympic School – Day*” não afectou os dois sexos de forma diferente.

Quando comparamos os resultados entre o pré e o pós-teste obtidos no nosso estudo, verificamos que os valores médios são mais elevados após a intervenção (pós-teste) em todas as variáveis dependentes tanto nos rapazes como nas raparigas.

Em suma, podemos concluir que, no nosso estudo e, como já referimos anteriormente, as raparigas têm atitudes mais positivas que os rapazes no que respeita à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física apresentando diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis dependentes, facto este que consideramos dever-se à maior sensibilidade (tolerância, instinto maternal), responsabilidade face a indivíduos dependentes (crianças, idosos, pessoas com deficiência) e, talvez, o nível de competitividade ser mais baixo como poderemos provar mais à frente neste mesmo capítulo. Alguns estudos apontam estas razões para a diferença entre géneros na temática da deficiência.

5.2 Presença de pessoas com deficiência na família/amigos/vizinhos

À semelhança do género, também na presença de pessoas com deficiência na família/amigos/vizinhos existem diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis dependentes, sendo que os alunos que têm ou já tiveram contacto com pessoas com deficiência apresentam atitudes mais positivas do que os alunos que não tiveram um contacto prévio, o que nos levou a aceitar as hipóteses 4, 5 e 6, respectivamente, “A presença de pessoas com deficiência na família/amigos/vizinhos influencia de forma positiva as atitudes globais face à inclusão de alunos com deficiência na aula de Educação Física”, “As atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na aula de Educação Física são mais favoráveis nos alunos que têm contacto directo com pessoas com deficiência”, “Os alunos sem deficiência que não têm nem nunca tiveram qualquer contacto directo com uma pessoa com deficiência, apresentam atitudes mais negativas em relação à alteração de regras”. Estes resultados são consistentes com

o estudo feito por Block (1995), uma vez que as crianças da amostra que têm um membro da família ou amigo próximo contribuíram significativamente para a atitude genérica “mais elevada” face à inclusão em aulas regulares de Educação Física, bem como para as atitudes específicas de desporto.

Também nos resultados obtidos por Hutzler e Levi (2008) no que diz respeito às atitudes, as médias dos alunos que não têm familiares ou amigos próximos com deficiência foram superiores em todas as variáveis dependentes. Estes resultados não vão de encontro, por exemplo, ao estudo de Van Biensen, Buscigilio e Vanlandewijck (2006), pois quando avaliaram a influência de um contacto prévio com casos de deficiência, não encontraram influência significativa nesta variável.

Em termos conclusivos, no nosso estudo os alunos que apresentam pessoas com deficiência na família, amigos ou vizinhos têm atitudes mais favoráveis do que os que não apresentam, em relação a todas as variáveis dependentes. Facto este que talvez possamos justificar pela tolerância criada pelo contacto mais próximo e eventualmente pela entajada já conseguida em outras circunstâncias, ou mesmo, um maior conhecimento das suas potencialidades e das suas capacidades. Podemos mesmo afirmar que as pessoas que têm uma pessoa próxima com deficiência mais naturalmente aceitam um colega na aula de Educação Física, bem como todas as alterações de regras que se tenham de fazer para que o colega possa participar na aula regular.

5.3 Presença de pessoas com deficiência na turma

Uma conclusão surpreendente no nosso estudo, foi o facto da variável independente presença de pessoas com deficiência na turma não apresentar, no pré-teste, diferenças estatisticamente significativas em relação a todas as variáveis dependentes; e no pós – teste só apresentar diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à variável das atitudes específicas dos alunos face à Educação Física. Isto leva-nos a rejeitar as hipóteses 7 e 9 respectivamente, “As atitudes globais EF dos alunos com presença de pessoas com deficiência na turma são mais favoráveis face à inclusão de alunos com deficiência” e “As atitudes dos alunos sem deficiência face à alteração de regras são mais favoráveis nos alunos com presença de pessoas com deficiência na turma”; e a aceitar, parcialmente, a hipótese 8 (As atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na aula de Educação Física são mais favoráveis nos alunos com presença de pessoas com deficiência na turma) uma vez que

só manifestam diferenças estatisticamente significativas no pós-teste. Uma interpretação possível para estes resultados pode ser pelo facto do ensino ao longo dos anos ter excluído da prática da Educação Física os alunos com deficiências, logo, é natural que haja, nas primeiras experiências, uma reacção normal a este tipo de mudança, que se espera ultrapassar à medida que a inclusão se torne uma realidade. No que diz respeito às atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na aula de Educação Física serem mais favoráveis nos alunos com presença de pessoas com deficiência na turma no pós-teste, os resultados vêm de encontro às nossas expectativas iniciais já que nos parecia óbvio que o contacto prévio com alunos com deficiência na turma constituísse um factor relevante para a melhoria das atitudes.

No entanto, verifica-se uma tendência positiva, tanto no pré como no pós-teste, em termos médios, nos alunos com presença de colegas com deficiência na turma em relação aos que não têm, nem nunca tiveram, no atinente a todas as variáveis dependentes, com excepção da atitude face à alteração de regras que, no pré-teste, os alunos sem colegas com deficiência na turma apresentam uma média superior em relação aos que têm e/ou já tiveram. Isto pode decorrer do facto de desconhecerem, na prática, as implicações e consequências provocadas pela presença de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.

Verificamos que o estudo efectuado por Block (1995) não apresenta diferenças estatisticamente significativas ao nível das atitudes específicas da Educação Física e das atitudes ao nível da alteração das regras assim como no estudo de Van Biensen, Buscigilio e Vanlandewijck (2006) que afirmaram não encontrarem qualquer impacto significativo.

5.4 Presença de pessoas com deficiência na aula de Educação Física

A presença de pessoas com deficiência na aula de Educação Física apresentou diferenças estatisticamente significativas, no pré e pós-teste, nas variáveis atitudes globais da Educação Física e nas atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na Educação Física. No que respeita às atitudes face à alteração de regras não existem diferenças estatisticamente significativas no pré e pós-teste. No entanto, os valores médios são superiores nos alunos que têm ou já tiveram um colega com deficiência na aula de EF. Estes resultados levam-nos a aceitar as hipóteses 10 e 11, respectivamente “A presença de pessoas com deficiência na aula de Educação Física

influencia de forma favorável as atitudes globais EF dos alunos” e “Os alunos que já tiveram pessoas com deficiência na aula de Educação Física apresentam atitudes mais favoráveis em relação às atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na aula Educação Física, do que os alunos que nunca tiveram essa experiência”. Estes resultados podem ser suportados pela Teoria de Contacto que assume que quando as populações em geral têm contactos directos, agradáveis, frequentes e significativos com indivíduos com deficiências isto produz uma mudança de atitude positiva (Sherrill, 1998).

Os resultados obtidos no nosso estudo levam-nos a refutar a hipótese 12 (Os alunos que já tiveram pessoas com deficiência na aula de Educação Física apresentam atitudes mais favoráveis em relação à alteração de regras do que os alunos que nunca tiveram essa experiência). Isto pode justificar-se pelo facto de os alunos parecerem ter atitudes mais positivas enquanto não têm noção na prática dos obstáculos que a inclusão de alunos com deficiência possa ter, nomeadamente nos efeitos adversos em relação à sua *performance* desportiva (ter de esperar mais tempo pela bola, deixar de exhibir as suas habilidades e não os deixar atingir os seus objectivos pessoais).

Ao compararmos os nossos resultados com os do estudo de Block (1995) verificamos que os resultados obtidos vão de encontro aos nossos no que diz respeito às atitudes globais face à inclusão de alunos com deficiência em turmas regulares de Educação Física. No entanto, o autor não apresentou resultados estatisticamente significativos em relação às atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na aula de EF nem nas atitudes face à alteração das regras.

No que diz respeito ao estudo de Hutzler e Levi (2008), o autor apresenta em termos de significância os mesmos resultados que nós, ou seja apresenta dados estatisticamente significativos no que diz respeito às atitudes específicas da Educação Física, mas não apresenta dados estatisticamente significativos no que concerne à alteração de regras. No entanto e, ao contrário do nosso estudo, o estudo deles apresenta valores médios superiores nos alunos que não têm exposição prévia a alunos com deficiência nas aulas de EF em relação aos que já tiveram esse contacto.

Van Biensen, Busciglio e Vanlandewijck (2006) não encontraram qualquer impacto significativo em nenhuma das variáveis estudadas.

5.5 Nível de competitividade

Quanto à análise da variável nível de competitividade verificamos que, no pré-teste, os alunos não competitivos apresentam atitudes mais favoráveis que os alunos mais ao menos competitivos e os muito competitivos, apresentando diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis dependentes. No pós-teste, verificamos diferenças estatisticamente significativas em relação às atitudes globais da Educação Física e nas atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na Educação Física. Estes resultados levam-nos a aceitar a hipótese 13 (As atitudes globais EF, dos alunos não competitivos, face à inclusão de alunos com deficiência, são favoráveis) e a hipótese 14 (As atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na Educação Física, são mais positivas nos alunos não competitivos do que nos alunos muito competitivos). No entanto e, apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao nível de competitividade em relação à variável alteração de regras (no pós-teste), os valores médios são mais altos nos alunos não competitivos do que nos mais ao menos competitivos e do que nos muito competitivos. Estes resultados vão parcialmente de encontro ao estudo de Block (1995) que também apresenta médias mais altas nos alunos não competitivos do que nos mais ao menos competitivos e muito competitivos, no entanto só apresenta dados estatisticamente significativos no que diz respeito à variável atitudes específica da Educação Física. Também no estudo de Van Biensen, Busciglio e Vanlandewijck (2006) chegaram à conclusão que quanto mais competitivos forem os alunos, menor é a sua pontuação no que respeita à atitude.

Ao compararmos os níveis de competitividade uns com os outros, aferimos que, no pré-teste, existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos muito competitivos e os não competitivos em todas as variáveis dependentes, enquanto que no pós-teste existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis atitudes globais da Educação Física e nas atitudes específicas face à integração de alunos com deficiência na Educação Física entre os alunos muito competitivos e os não competitivos. Verificámos ainda que, no pós-teste, não há diferenças estatisticamente significativas entre os níveis de competitividade na atitude face à alteração das regras. Posto isto, aceitamos parcialmente a hipótese 15 (As atitudes dos alunos sem deficiência face à alteração de regras são mais negativas nos alunos muito competitivos do que nos alunos não competitivos).

No geral, os resultados obtidos no nosso estudo, levam a crer que alunos sem deficiência que tenham uma natureza mais competitiva têm atitudes mais negativas em relação à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, que podemos justificar pelo facto de sentirem que a actividade vai diminuir de intensidade ou mesmo ser completamente arruinada se um aluno com deficiência participar no jogo (de Basquetebol), pois podem percepcionar uma diminuição do ritmo da aula devido às alterações das regras.

5.6 Relação entre pré-teste e pós-teste

Para concluir esta discussão de resultados iremos, de seguida, abordar a relação existente entre o pré-teste (a) e o pós-teste (b) no que se refere às atitudes (Atitude global EF, Atitude específica EF e Atitude regras).

Verificamos então, pelos resultados obtidos, que quando correlacionados os dois momentos de aplicação do instrumento (pré-teste e pós-teste) no que diz respeito às variáveis dependentes em estudo, verificamos que existe uma relação forte entre as diferentes atitudes. Conferimos também que os valores médios das atitudes no pós-teste são superiores aos do pré-teste, apresentando resultados estatisticamente significativos em todos os pares (par 1- Atitude global EF (a) e (b); par 2 – Atitude específica EF (a) e (b); par 3 – Atitude regras (a) e (b)), o que nos leva a aceitar a hipótese 16 (As atitudes dos alunos sem deficiência face à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física são mais elevadas no pós-teste, em todas as variáveis dependentes (atitudes globais EF, atitudes específicas EF e atitudes regras)). Estes resultados são suportados pelos estudos de Van Biensen, Busciglio e Vanlandewijck (2006) e Panagiotou, Kudlacek e Evaggelinou (2006) que referem que, no geral, a implementação do “Dia Paralímpico” teve influência positiva nas atitudes dos alunos sem deficiência quanto à inclusão de alunos com deficiência em aulas de Educação Física.

Uma razão válida para estes resultados parece-nos ser o facto de os alunos terem vivido a situação como se fossem alunos com deficiências reais, o que fez com que sentissem mais intrinsecamente as condições e as limitações das pessoas com deficiência. Esta circunstância tê-los-á eventualmente predisposto para uma atitude mais positiva. Mas será este o mesmo tipo de atitude tomado pelos alunos face a pessoas com

deficiências reais ou terão estes resultados sido influenciados por alguma auto-comiseração pelo facto de os próprios alunos passarem pela condição de deficiência?

De uma forma geral podemos dizer que os resultados deste estudo não nos surpreenderam. Ao longo deste capítulo, enquanto apresentávamos os nossos valores e os comparávamos com os de outros estudos, fomos tentando justificar esses mesmos resultados com o nosso parecer pessoal. Entendemos, contudo, que uma vez que este estudo se trata do primeiro nesta área em Portugal, não temos base de comparação com elementos da mesma cultura o que pode tornar precipitadas estas justificações. Muito caminho temos ainda para percorrer e muitos estudos serão com certeza necessários para podermos, com segurança, considerar estas justificações como boas.

Como já foi dito anteriormente, a ausência de outros estudos em Portugal sobre esta matéria deixa-nos sem referências comparativas, pelo que incentivamos outros colegas a adoptarem este tema em futuros trabalhos de investigação. Mas provavelmente mais importante ainda do que fazer os estudos, será dar sequência à implementação de actividades como a semana da Educação Física Adaptada. Este será, seguramente, um passo crucial para o caminho longo que parece ser a inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares em geral e nas aulas de Educação Física em particular. Apesar das muitas barreiras que temos para vencer, sejam elas de ordem cultural, no campo das mentalidades, ou arquitectónicas (adaptação dos pavilhões, piscinas, salas de aula), é essencial avançar com este tipo de programas de forma a podermos progredir nesta área do conhecimento que tem por objectivo principal criar condições para uma educação mais justa e equilibrada de uma população caracterizada como portadora de deficiências ou com necessidades especiais de aprendizagem.

A nossa experiência com a semana EFA mostrou (e os resultados do estudo comprovaram) que as atitudes melhoraram após a aplicação do programa, os alunos ficaram muito mais sensibilizados para o problema da inclusão de colegas com deficiência e mais abertos à sua participação nas aulas.

Para além da implementação dos programas, sejam eles curriculares ou extra-curriculares destinados a esta população especial, é indispensável apostar na formação dos professores e na sensibilização de alunos e encarregados de educação, para que a inclusão seja efectivamente um sucesso nas aulas de EF e consequentemente, nas escolas de ensino regular.